

O EQUADOR E O PETRÓLEO

por Mário Soares

1. O Equador é um estado Latino-Americano, voltado para o Pacífico, a que pertencem as célebres ilhas Galápagos. Tem quatro vezes a extensão de Portugal mas é talvez dos países mais pequenos da América Latina.

A capital Quito fica num dos pontos mais altos do país e é uma cidade de extrema beleza, que visitei duas ou três vezes.

O seu presidente Rafael Correa é um político progressista, que tem dado à população mais pobre do Equador, um grande impulso. É respeitado e popular. Mas o Equador é dotado de petróleo o que tem sido, de certo modo, uma desgraça para o país.

Isso faz-me lembrar o tempo do salazarismo em que um ministro, muito alegre, veio dar ao ditador a notícia de que havia petróleo em Angola. E Salazar levou as mãos à cabeça e comentou: "que outra desgraça havia de nos acontecer...".

Vem isto a propósito de que no Equador houve uma petrolífera americana de nome Chevron/Texaco, que entre 1964 e 1992 desenvolveu as suas actividades nas províncias de Sucumbios e de Orellana, na região amazónica, uma das zonas com maior biodiversidade do planeta.

A Texaco, ao que me dizem, derramou cerca de 71 milhões de resíduos de petróleo e 64 milhões de petróleo em bruto em mais de 2 milhões de hectares na amazónia equatoriana, tal como determinou um Tribunal Equatoriano, depois de nove anos de processo judicial.

Este desastre ambiental – e é de um desastre ambiental que se trata – foi 85 vezes maior do que o derrame da British-Petroleum no Golfo do México e 18 vezes maior do que o da Exxon Valdez no Alasca.

Trata-se de uma catástrofe que podia ser evitada, facilmente, se a petrolífera não tivesse sido irresponsável e não tivesse utilizado – para gastar menos – técnicas obsoletas. A Chevron/Texaco, ao que parece, violou o contrato de exploração que se comprometia a utilizar tecnologias de re-injecção segura dos resíduos tóxicos no subsolo. Para quê? Para maximizar os seus enormes benefícios económicos, utilizando no Equador uma tecnologia que já não era utilizada nos Estados Unidos e que a empresa, tendo prometido diminuir o impacto negativo das operações hidrocarboríferas, não fez. Se assim tivesse acontecido tinha evitado a contaminação no Equador.

Mas a Chevron/Texaco fugiu às suas prometidas obrigações ambientais e foi condenada a pagar uma indemnização de 9,6 mil milhões de dólares e não cumpriu. Além disso, escondeu muitas piscinas de resíduos tóxicos, cobrindo-as com capas superficiais e deixando-as no mesmo estado contaminado, o que tem sido um mal para o Povo equatoriano. A empresa petrolífera processou o Estado Equatoriano, quando este nunca teve nada a ver com o assunto.

A verdade é que a União das Nações Sul-americanas expressaram a sua solidariedade com o Povo e o Estado do Equador, vítimas de campanhas desprestigiantes.

O petróleo é sem dúvida nenhuma de grande importância, mas quando só se vêem os negócios e o dinheiro e se desprezam as pessoas e os Estados, tudo vai mal. E os Estados Unidos ficaram desclassificados. Pobre Barack Obama que, numa causa destas, não tem qualquer culpa no cartório. Mas tudo lhe cai em cima.

VIDAS COM SENTIDO

2. Permitam-me que vos fale da Fundação que represento e que chame a vossa atenção para a série de conferências intitulada "Vidas com Sentido", relativas a todos os dirigentes do Partido Socialista, já falecidos.

Foram pessoas de grande qualidade humana, política e ética, que nunca se apropriaram de dinheiros públicos, apesar de terem exercido Altos Cargos. Estadistas que gastaram o seu próprio dinheiro com o Partido e foram sempre ímpolutos. Todos tiveram a preocupação de que ser estadista nada tem a ver com negócios. Antes pelo contrário. Os homens de negócios não devem ser estadistas, porque isso implica uma contradição nos termos...

Essas sessões de homenagem são feitas às quintas-feiras às 18h, tendo começado por Francisco Ramos da Costa, economista, diplomata e grande militante antifascista; Raul Rego, jornalista, Pena de Ouro, que lhe foi atribuída na Europa pelo caso do Jornal República, que ele dirigia e onde ficou sequestrado com os outros jornalistas no chamado " Caso Republica"; o nosso querido presidente Fernando Valle, que dirigiu com António Arnaut o Congresso, onde a Acção Socialista se transformou em Partido Socialista; e, ultimamente, Manuel Mendes que infelizmente morreu antes do 25 de Abril e não chegou a ser do PS mas apenas da Acção Socialista, e que se bateu na guerra civil de Espanha, ao lado dos republicanos, assaltou a esquadra onde é hoje a Faculdade de Economia e Finanças de Lisboa, para libertar da prisão o director da Fazenda Pública que teve a audácia de fazer entrar os primeiros tanques militares que houve em Portugal, para uma revolução anti-salazarista, como muitas outras, infelizmente, frustrada. Foi um verdadeiro seareiro (da revista Seara Nova) e um autor consagrado de romances, contos, biografias e também de escultura e artes plásticas. Hoje, está quase esquecido.

O próximo, na quinta-feira dia 7, será o advogado e ex-ministro da Justiça e das Finanças (como Afonso Costa, lembrei-lhe eu muitas vezes), Salgado Zenha, apresentado pelo Presidente Jorge Sampaio.

Estas homenagens a personalidades já falecidas e que tudo fizeram pela Pátria, pela República e pelo Socialismo Democrático, sem receber nada em troca, sublinho, vão-se prolongar para o próximo ano. Falamos de verdadeiros estadistas ética e humanamente ímpolutos e que, quanto a mim, merecem ser uma referência para as novas gerações.

A verdade é que nos últimos dois anos e meio a política confunde-se, cada vez mais, com os negócios e por isso é fácil, a quem não tenha conhecimento de causa, julgar que todos os políticos são uns tralhas ou simples negociantes.

Numa época de crise em que tanta gente é obrigada a emigrar de Portugal e nem sequer tem dinheiro para dar de comer aos filhos, pode generalizar-se a ideia de que os políticos são todos uns gatunos. Ora não são. Há políticos que são (e foram) homens de Estado e um exemplo do que deve ser um político que ama a sua Pátria e o Povo a que pertence.

JOHN KENNEDY

3. Faz 50 anos que foi assassinado John Kennedy, um político americano, democrático, ilustre Presidente eleito dos Estados Unidos, que entusiasmou o mundo e mesmo personalidades difíceis como De Gaulle, que o recebeu em Paris com extremo respeito e admiração e muitos outros estadistas de diferentes países.

Fui, sem o conhecer, um grande admirador de John Kennedy que sempre me pareceu um exemplo de democrata, de homem progressista e com grandes valores éticos.

Lembro-me bem do momento em que a notícia do seu assassinato chegou. Era então um jovem advogado e foi uma jornalista americana, do New York Times, correspondente em Portugal, Marvine Howe, que me informou. Fiquei verdadeiramente sem saber o que dizer e fazer. Foi algo que me impressionou e marcou imenso, para a vida inteira. Sobretudo porque depois da morte de John Kennedy foi também assassinado o seu irmão e conselheiro fiel, Robert Kennedy, candidato a Presidente, como o seu irmão.

Como é possível que uma família daquela qualidade e um homem na flor da idade, católico praticante (o que era raro nesse tempo nos Estados Unidos), ter sido morto e logo a seguir os assassinos terem repetido a dose matando o seu irmão, igualmente uma pessoa de enorme gabarito.

Pareceu-me qualquer coisa como se a América tivesse desaparecido, bem como a democracia e o progresso, pelos quais eu, na minha modéstia, também lutava.

Passaram 50 anos e a imprensa mundial, que eu saiba, pouco tem falado dos Kennedy. Houve mais assassinatos, embora diferentes, como o de Martin Luther King, herói contra o racismo e pela unidade de todos os americanos e por isso Prémio Nobel da Paz.

É possível que as mortes dos Kennedy, tivessem a ver com a crise dos mísseis de Cuba e o princípio da Guerra Fria, com a construção do Muro de Berlim (que anos depois visitei e me fez uma imensa impressão) e o conflito aceso entre soviéticos e americanos. Estava então a começar a guerra do Vietname...

Kennedy, assassinado a 22 de Novembro de 1963, foi, um extraordinário Presidente dos Estados Unidos da América como hoje é unanimemente reconhecido, mesmo por alguns republicanos.

PORTAS QUER SER E NÃO SER AO MESMO TEMPO

4. O texto longo e confuso que Portas leu na sexta-feira passada e que não faz qualquer sentido como escreveu Vasco Pulido Valente, é realmente, como disse Pacheco Pereira, "um manual para ler no vazio". Porque, cito, "este papel de Portas não foi tomado a sério por ninguém a começar pelos seus colegas do governo"...

Vi e ouvi, com bastante esforço, o discurso que proferiu, muito bem vestidinho, como sempre e com grandes sorrisos, mas confesso que apesar de me esforçar por estar atento, quase não compreendi coisa nenhuma. Era de facto, um guião – ou melhor, uma salganhada – sem qualquer sentido.

Tinha que apresentar o guião porque o prometera fazer há longos meses. Mas aproveitou para dizer tudo ao contrário do que desejaria o seu patrono Passos Coelho, que quando fala no sócio não lhe é nada favorável.

Realmente são duas pessoas que não se entendem, mas que se esforçam por estar juntas para não terem de se demitir ambas. Aliás quem lhes vale, é quem as comanda, ou seja, o eterno protector de ambas: o Presidente da República. Se não fosse essa protecção – que ninguém entende – como é que conseguiriam conviver juntas?

Recentemente, um grande fadista português, seguramente o maior e mais respeitado de todos, Carlos do Carmo, teve a coragem de dizer o que pensa do Presidente da República, e não usou palavras brandas como toda a gente notou e ouviu.

Por mais que façamos, tudo, tem a ver com a mesma pessoa. Chama-se Aníbal Cavaco Silva. Como é que um Presidente, a quem ainda faltam dois anos para o fim do seu mandato, não é capaz de se libertar de um Governo, completamente paralisado, sem rei nem roque, e principalmente, de duas pessoas que não se entendem entre si e só existem juntas porque ele as mantém. Tem razão Carlos do Carmo.

O Presidente não quer - ou não pode por razões que se ignoram - perceber que se ficar até ao fim e assim continuar, ficará para todo o tempo com o ferrete do ódio popular, de norte a sul do País.

O discurso de Portas - Guião para a reforma do Estado – é com efeito algo de irresponsável e que ninguém consciente pode tomar a sério. Com discursos como este está a destruir o seu próprio partido - e o pouco que resta do seu prestígio. A tentar ao mesmo tempo que se volte de novo à austeridade (o que ele não quis no passado), quando a troika e o próprio Governo de Passos Coelho assim o querem. Mas Portas disse já isso e o seu contrário. O partido dele está cada vez mais a

definhar e o próprio líder todos os dias mais desqualificado ... Para quê? Pela vaidade insuportável de Portas ou por medo de que lhe atirem à cara, como o caso dos submarinos, que até agora não foi esclarecido. Portas, não tem nada que fazer, Quem manda é a ministra das Finanças, Maria Luís Albuquerque de quem Portas não gosta nada. Como de Passos Coelho. Mas a tragédia é que não se podem separar, porque perdiam a maioria, e os lugares.

O mais estranho é que os outros ministros também fiquem calados, sem protesto, sem qualquer comentário, porque também não têm coragem de se demitir apesar de saberem que se o não fazem ficam igualmente com um ferrete, que nunca mais desaparecerá.

Lisboa, 5 de Novembro de 2013